

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de
**Identidades locais
na arte colonial
brasileira**

Tintas da terra, tintas do reino: as artes nas missões jesuíticas no Grão-Pará (séculos XXVII-XVIII)

Renata Maria de Almeida Martins

Doutora pela FAUUSP. Pesquisadora do Projeto Temático "Plus-Ultra", FAPESP / FAUUSP.

Pós-Doutoranda FAPESP / FAU-USP. Professora da Escola da Cidade (SP)

renatamartins@usp.br

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados obtidos através de pesquisa de doutorado desenvolvida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. A tese, orientada pelo Prof. Dr. Luciano Migliaccio e defendida em outubro de 2009, estuda a produção arquitetônica e artística nas Missões Jesuíticas situadas no território do antigo Estado do Maranhão e Grão-Pará, com particular destaque à região da Capitania do Grão-Pará. O arco temporal compreende os anos de 1653 a 1759.

Palavras-chave

Jesuítas, Índios, Artes.

Abstract

This paper presents the results of a doctoral research developed at the Faculty of Architecture and Urbanism of University of São Paulo. The Thesis, defended on October 2009 and directed by Prof. Dr. Luciano Migliaccio, studies the artistic and architectural production of the Jesuit Missions in the former State of Maranhão and Grão-Pará, with a special emphasis on the Captaincy of Grão-Pará. The period under study spans the time from 1653 to 1759.

Key Words

Jesuits, Indians, Arts.

A cidade de Belém do Pará, localizada na Amazônia brasileira, foi fundada estrategicamente pelos portugueses na foz do Rio Amazonas em 12 de janeiro de 1616, no período de União das Coroas Ibéricas (1580-1640), com o intuito de defesa e demarcação do território.¹ A jornada de fundação de Belém, e a tomada em 1615 de São Luís do Maranhão, fundada pelos franceses em 1612, significou, como nos diz Renata Araújo: “uma espécie de *dupla reconquista* portuguesa: a do território do Maranhão em si que é liberto dos invasores e a do *Marañon* (o Amazonas) que é *redescoberto*”².

Compreendidas em conjunto, as fundações das cidades de Belém e São Luís foram, portanto, fundamentais para a consolidação do projeto de domínio e expansão do Império português na região norte do Brasil³, marcando o início da formação da rede urbana da Amazônia⁴, sendo que as ordens religiosas, em particular, os franciscanos, os carmelitas, os mercedários e, principalmente, os jesuítas, desempenharam um papel decisivo dentro deste processo. Os primeiros missionários da Companhia de Jesus chegam ao Maranhão em 1615, retiram-se no mesmo ano para Madri, e retornam em 1622⁵ em uma expedição comandada pelo Padre Luís Figueira (1575-1643)⁶; para depois de algumas tentativas frustradas, estabelecerem-se também no Grão-Pará (Belém) em 1653⁷, até a expulsão definitiva em 1759.⁸

¹ ARAÚJO, Renata Malcher de. *As Cidades da Amazônia do século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão*. Porto: FAUP Publicações, 1998, pp. 77-78 (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1992).

² ARAÚJO, Renata. *As Cidades da Amazônia do século XVIII...*, 1998, Op. cit., p. 78.

³ Sobre a política de colonização da coroa portuguesa na região Amazônica, ver entre outros títulos: REIS, Arthur Cezar Ferreira. *A Política de Portugal no Valle Amazônico*. Belém: SECULT, 1993; e CHAMBOULEYRON, Rafael Ivan. “Portuguese Colonization of the Amazon Region, 1640-1706”. University of Cambridge, Faculty of History, 2005. (Tese de Doutorado)

⁴ ARAÚJO, Renata. *As Cidades da Amazônia do século XVIII...*, 1998, Op. cit., p. 78.

⁵ MORAES, José de S.J. *História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987, pp. 79-80.

⁶ O padre Luís Figueira S.J. (“Memorial sobre as Terras e as Gentes do Maranhão, Grão-Pará e Rio Amazonas”, Lisboa, 1637) é considerado o fundador das Missões inacianas no Estado do Maranhão. Figueira morre tragicamente em expedição com 14 missionários ao Grão-Pará em 1643, em um naufrágio próximo à Ilha do Marajó (Ilha Grande de Joanes). Crônicas e cartas relatam que os tripulantes teriam sido quase todos trucidados pela tribo dos Aruás. Ver CARDOSO, Alírio Carvalho; CHAMBOULEYRON, Rafael. “Fronteiras da Cristandade: Relatos Jesuíticos no Maranhão e Grão-Pará (século XVIII)”. In: DEL PRIORE, Mary; GOMES, Flávio (Org.). *Os Senhores dos Rios: Amazônia, Margens e Histórias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 34.

⁷ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1938). São Paulo: Edições Loyola, 2004, t. III, livro III, p. 517.

⁸ Sobre a Expulsão dos Jesuítas do Estado do Grão-Pará e Maranhão ver RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. “Conquista Recuperada e Liberdade Restituída: A Expulsão dos Jesuítas do Grão-Pará e Maranhão (1759)”. Pontificia Università Gregoriana, Facoltà di Storia Ecclesiastica, Roma, 2006, 2 v.

No antigo Estado do Maranhão e Grão-Pará,⁹ criado por uma Carta-Régia em 1621, com administração autônoma ligada diretamente à coroa portuguesa e independente do Estado do Brasil, as duas principais fundações dos jesuítas foram a Igreja e o Colégio de Nossa Senhora da Luz (1699) em São Luís, capital do Maranhão [Figura 01], e a Igreja de São Francisco Xavier e Colégio de Santo Alexandre (1718 /1719) em Belém, capital do então Grão-Pará [Figura 02]. Também merece destaque, no Grão-Pará, a Casa-Colégio da Madre de Deus (1740) em Vigia (antiga Vila de Nossa Senhora de Nazaré da Vigia¹⁰ 1693) [Figura 03]

Dos aldeamentos missionários, sabemos que no início do século XVIII havia cerca de 30 aldeias indígenas governadas pelos jesuítas ao longo do Rio Amazonas e seus afluentes; e que o número de “índios cristãos” das aldeias jesuíticas do Maranhão e Grão-Pará no ano de 1696, era de aproximadamente 11.000¹¹, das mais diversas etnias.¹² Em 1726 a Companhia de Jesus ali possuía 99 religiosos, 2 Colégios, 27 residências e 12 Missões.¹³ Em 1727 a Missão do Maranhão e Grão-Pará é elevada a Vice-Província¹⁴.

Naturalmente, ao longo de nossa pesquisa pela História da Amazônia entre a segunda metade do século XVII e a primeira metade do século XVIII (1653-1759), as cidades de São Luís e Belém vão se mostrando indissociáveis, o que se reflete também no estudo da arquitetura e da arte dos jesuítas, já que nos Colégios de Nossa Senhora da Luz e de Santo Alexandre funcionaram as maiores oficinas missioneiras de todo o grande Estado do Maranhão e Grão-Pará. A questão da irradiação de modelos e saberes técnicos

(Tese de Doutorado)

⁹ Segundo Chambouleyron, o antigo Estado do Maranhão e Grão-Pará corresponde, aproximadamente, à moderna região amazônica brasileira. CHAMBOULEYRON, Rafael. *Portuguese Colonization...*, 2005, Op. cit, p. 12.

¹⁰ Localizada na desembocadura do Rio Pará, a vila servia como controle de entrada de embarcações, daí o nome Vigia. Ver ARAÚJO, Renata. *As Cidades da Amazônia do século XVIII...*, 1998, Op. cit, p. 331.

¹¹ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1938). Lisboa / Rio de Janeiro: Livraria Portugália / Instituto Nacional do Livro, 1943, t. IV, p. 138.

¹² Ver PORRO, Antônio. *Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial*. São Paulo: EDUSP, 2007.

¹³ LEITE, Serafim S.J. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 2004, Op. Cit., t. IV, p. 85. Cf. ARSI, BRASILLAE 26, ff. 239-239v.

¹⁴ “A 15 de fevereiro de 1727 o P. Geral Miguel Ângelo Tamburini elevava a Missão a Vice-Província e nomeava o superior dela, Manuel de Brito, seu primeiro Vice-Provincial”. LEITE, Serafim S.J. *História da Companhia de Jesus...*, 2004, Op. cit., t. IV, p. 85. Cf. ARSI, BRASILLAE 25, ff. 37v-38.



Figura 01: Catedral de Nossa Senhora da Vitória, antiga Igreja Jesuítica de Nossa Senhora da Luz, em São Luís do Maranhão.

Fonte: Renata Maria Martins, São Luís, julho de 2008.



Figura 02: Igreja e Colégio jesuítico de Santo Alexandre em Belém, atual Museu de Arte Sacra do Pará em Belém.

Fonte: Ricardo Medrano, Belém, agosto de 2007.

das Oficinas do Colégio de Belém para as Igrejas das aldeias jesuíticas do interior do Grão-Pará, um dos pontos focais da tese, foi gradualmente sendo elucidada à medida que mergulhamos nos relatos e notícias acerca das Oficinas e do trabalho artístico realizado pelos missionários e indígenas anteriormente no Maranhão.



Figura 03: Igreja da Madre de Deus da antiga Casa-Colégio dos jesuítas em Vigia no Pará.

Fonte: Renata Maria Martins, Vigia, julho de 2008.

Por meio das viagens de campo, realizadas entre os anos de 2002 e 2008 no Pará (e também em São Luís do Maranhão), procuramos desenvolver, como declarou Damián Bayón, “a inquietude de saber, de pensar, de avaliar e, sobretudo, de viajar”¹⁵ pelas obras de arte e arquitetura das Missões Jesuíticas no Grão-Pará, através de um olhar voltado propriamente para a realidade amazônica, seu povo, sua cultura e sua história: “Estudos, viagens, leituras, fotos, recordações, reflexão, escritura constituem os principais feitos desta aventura pelos países, a Arte e as pessoas”¹⁶.

Além disso, o “encantamento” com o tema e o “respeito” pelas fontes nos encorajou a percorrer bibliotecas, arquivos, museus e igrejas da Companhia de Jesus em outros estados do Brasil, e também em outros países, como Argentina, Itália, Áustria, República Tcheca, Espanha e Portugal. Sabemos que os caminhos dos jesuítas foram muitos. Quanto aos nossos, conscientes estamos de que ainda há bastante por fazer pela pesquisa da História da Arquitetura e da Arte nas Missões Jesuíticas do Grão-Pará.

Pois, muito embora o tema das Missões Jesuíticas tenha sido bastante abordado na Historiografia da Arte e da Arquitetura Americana, é decepcionante notar que a região Amazônica, assim como outras regiões rotuladas de “periféricas”, mantiveram-se praticamente fora do circuito dos estudiosos. Portanto, e visando colaborar neste sentido, temos como principal objetivo de nossa tese: estudar as manifestações arquitetônicas e artísticas nas Missões Jesuíticas no antigo Estado do Grão-Pará, entre o ano de estabelecimento dos jesuítas em Belém (1653) e a expulsão dos missionários inacianos da Amazônia (1759).

Pois, em se tratando de estudos gerais sobre a arquitetura e a arte da Companhia de Jesus no Brasil, no que se refere a análises e comentários específicos sobre a Amazônia, e sem deixar de reconhecer a competência e o mérito dos belíssimos

¹⁵ “... inquietud de saber, de pensar, de juzgar y, sobre todo, viajar”. BAYÓN, Damián. *Pensar con los Ojos: Ensayos de Arte latino-Americano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 22.

¹⁶ “Estudios, viajes, lecturas, fotos, recuerdos, reflexión, escritura constituyen los principales hitos de esa aventura por los países, el arte y la gente”. BAYÓN, Damián. *Pensar con los Ojos...*, 1993, Op. cit., p. 17.

trabalhos dos pioneiros da historiografia do período colonial (Lúcio Costa, Germain Bazin, John Bury, Robert Smith, Paulo Santos, entre outros), ao nosso ver, mesmo alguns competentes estudiosos se arriscaram a elaborar conclusões desconhecendo em grande parte a realidade social e cultural do Pará e da região Amazônica, priorizando, na maioria das vezes, a análise do aspecto formal e estilístico das obras de arquitetura e decoração ali encontradas.

Durante o desenvolvimento de nossa tese, verificamos que particularidades artísticas encontradas nas igrejas das Missões paraenses, naturalmente, colocavam em questão uma série de generalizações formuladas sobre a arte e a arquitetura da Companhia de Jesus no Brasil; e algumas afirmações, de certa forma, precipitadas sobre o tema no Grão-Pará, como no ensaio de John Bury.¹⁷

Exemplificando de maneira mais clara, em “A arquitetura Jesuítica no Brasil”, o inglês John Bury declara que os “traços primitivos” da Igreja do Colégio de Santo Alexandre podem ser atribuídos à localização e ao meio ambiente de Belém do Pará, porém, ao tentar relacionar este “juízo”, que não cabe ser discutido neste momento, com o contexto de Belém, Bury primeiramente acerta nas referências quando diz “afinal, de todos os grandes centros populacionais do Brasil, este é o que guarda até hoje os mais fortes traços de presença indígena na população”, mas se equivoca quando afirma que “durante os séculos XVII e XVIII, caracterizava-se [Belém] como uma cidade provinciana, sem grande contato com a Europa, se comparado a Salvador (capital da América portuguesa até 1762)”.¹⁸

Mais uma vez, vale destacar que São Luis e Belém foram, respectivamente, capitais do antigo Estado do Maranhão e Grão-Pará (São Luis, de 1621 a 1750), e do posteriormente denominado, Estado do Grão-Pará e Maranhão (Belém, a partir de 1751), formados desde 1621 com jurisdição independente do Estado do Brasil; e que,

¹⁷ BURY, John. “A Arquitetura Jesuítica no Brasil” In: OLIVEIRA, Myriam (Org.). *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial: John Bury*. Brasília, DF: IPHAN / MONUMENTA, 2006, pp. 77-78.

¹⁸ BURY, John. “A Arquitetura Jesuítica no Brasil”. In: OLIVEIRA, Myriam (Org.). *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial: John Bury*, 2006, Op. cit., p. 77-78.

portanto, ao contrário do que afirmou Bury em relação à Belém, ambas cidades mantinham estreitos contatos com a Europa, tanto quanto Salvador na Bahia, capital do Estado do Brasil.

John Bury também afirma, provavelmente ainda baseado neste suposto “isolamento” em relação à Europa, que “em Belém, as técnicas mais toscas e a falta de familiaridade com as regras clássicas de certa forma libertaram o projeto das restrições manifestadas em Salvador”.¹⁹ Independente de não anuirmos com esta declaração, haja vista nossa análise da documentação primária; no Grão-Pará cremos não ter sido por um maior ou menor grau de conhecimento e “familiaridade” dos padres jesuítas com as “regras clássicas”, que explicaria a aplicação ou não destas “normativas” nas obras de arquitetura e arte da Companhia de Jesus em Belém.

Neste sentido, o arquiteto argentino Ramón Gutiérrez em comunicação apresentada no *Simposio Internazionale sul Barocco Latino Americano* em Roma no ano de 1980, intitulada *Reflexiones para una Metodología de Análisis del Barroco Americano*²⁰, “propõe partir da premissa de que o fato artístico latino-americano deve ser analisado segundo enfoques multidisciplinares e com perspectivas metodológicas variadas, sem restringir-se a visões parciais que poderiam empobrecer os resultados”²¹, e por isso, “reconhece na produção historiográfica existente um certo desconhecimento de referências históricas importantes, que poderiam ser a chave para orientar os estudos.”²²

Portanto, concordamos com Gutiérrez, quando nos diz que o erro na metodologia de análise do “barroco americano” nasce habitualmente em tentar explicar o todo do problema a partir de óticas parciais, onde cada uma delas se declara excludente das demais²³, e que esta tentativa de conduzir o estudo ao longo de um

¹⁹ BURY, John. “A Arquitetura Jesuítica no Brasil”. In: OLIVEIRA, Myriam (Org.). *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial: John Bury*, 2006, Op. cit., pp. 77-78.

²⁰ GUTIÉRREZ, Ramón. “Reflexiones para una Metodología de Análisis del Barroco Americano”. In: *Simposio Internazionale sul Barocco Latino Americano, Atti del Simposio*, Roma 21/24 de abril de 1980. Roma: Instituto Italo Latino Americano (ILLA), 1982, vol. I, pp. 367-385.

²¹ BRAZÓN HERNÁNDEZ, Mariela. “Problemas da Historiografia da Arquitetura Colonial Sul-Americana”. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / Centro de Letras e Artes / Escola de Belas Artes / Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2001, p.77.

²² BRAZÓN HERNÁNDEZ, Mariela. “Problemas da Historiografia...”, 2001, Op. cit., p.77.

²³ GUTIÉRREZ, Ramón. “Reflexiones para una Metodología de Análisis del Barroco Americano”, 1980, Op. cit., p. 370. Ver também BRAZÓN HERNÁNDEZ, Mariela. “Problemas da Historiografia...”,

único caminho, resulta em uma abordagem parcial e em conclusões pobres.²⁴

Desta forma, as pesquisas mais recentes tem buscado romper definitivamente com problemas centrados sobre a questão estilística, ao dar uma maior ênfase às manifestações locais produzidas dentro do contexto de cada região (no Grão-Pará dos séculos XVII e XVIII, está em jogo a instalação territorial do Reino português²⁵); e levando em consideração a contribuição do “outro”, sejam eles índios da Amazônia peruana ou brasileira, negros do Maranhão ou da Bahia, mestiços da América Espanhola, chineses, ou povos guaranis; como nos diz Alexander Bailey: “Das florestas do Paraguai para as florestas das Filipinas; dos rios da Venezuela para os rios da Índia; das ilhas do Amazonas para a ilha de Macau, nos quatro cantos do mundo os povos se apropriaram, modificaram e enriqueceram a arte do Renascimento tardio e do Barroco”.²⁶

Aqueles povos que tiveram contato com a cultura dos jesuítas receberam e também deixaram a sua contribuição na história das edificações missionárias, e por isso, como também afirma Bailey, “Nunca poderá ser entendido fora do seu contexto e sem a determinante mão do outro”.²⁷ É dentro desta visão mais aberta e multidisciplinar, que o nosso projeto ambicionou se encaixar.

Tintas da Terra, Tintas do Reino

O título da tese “Tintas da Terra, Tintas do Reino”, justifica-se pela nossa verificação de que também no Grão-Pará, o legado dos jesuítas na arte e na arquitetura possui um caráter

2001, Op. cit., p. 128.

²⁴ BRAZÓN HERNÁNDEZ, Mariela. “Problemas da Historiografia...”, 2001, Op. cit., p. 128.

²⁵ Ver REIS, Arthur César Ferreira. *A Expansão Portuguesa na Amazônia nos séculos XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: SPVEA, 1959.

²⁶ “From the jungles of Paraguay to the jungles of Philippines; from the rivers of Venezuela to the rivers of India; from the islands of the Amazon to the island of Macao, late Renaissance and Baroque Art was claimed, altered, and enriched by the people of the four corners of the earth.” BAILEY, Alexander G. *Art on the Jesuit Missions in Asia and Latin America (1542-1773)*. Toronto / Buffalo / Londres: University of Toronto Press, 2001, p. 04, tradução nossa.

²⁷ “It can never be understood out of this context and without the determining hand of *the other*” BAILEY, Alexander. “Le style jésuite n’existe pas: Jesuit Corporate Culture and the Visual Arts” In: O’MALLEY, John S.J. *et alii* (Org.). *The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773*. Filadélfia: Saint Joseph’s University Press, 2000, p. 73, tradução nossa.

predominantemente social e coletivo²⁸, advindo principalmente do trabalho de europeus e índios, e de suas tradições artísticas, dosadas nem sempre da mesma maneira, nem sempre na mesma medida e intensidade. Por vezes, mais “Tintas da Terra”, outras, mais “Tintas do Reino”.

Cada obra (ou grupo de obras), dentro de seu determinado contexto, é fruto de uma “receita” não homogênea, difícil de ser totalmente decifrada. Podemos, através da pesquisa histórica, procurar recuperar tal “receita”? Mais coerente analisar a criação e a expressão artística nas Missões desejando, como disseram Gutiérrez e Viñuales:

procurar encontrar o justo equilíbrio entre o que significou a contribuição européia e de outras procedências na cultura americana, analisar os processos de adaptação e mudança que estas contribuições tiveram e, por sua vez, insistir nas peculiaridades próprias das culturas do continente americano nas suas diversas manifestações²⁹.

Desta forma, acreditamos desnecessário tentar ler as manifestações artísticas criadas nas Missões dos jesuítas no Grão-Pará buscando determinar a proporção exata em que estes “dois mundos” (ou mais) colaboraram (ou não) na produção de cada obra de arquitetura ou de arte em particular, pois como na preparação de novas “cores”, as “tintas” se misturaram, mesclaram-se, integraram-se, num processo que poderíamos chamar “mestiçagem cultural”, na definição de Gutiérrez:

Isto vai mais além do que a simples somatória de expressões européias e indígenas. Não é uma simples acumulação

²⁸ “Los jesuitas concibieron el arte como un medio de transmisión de sus mensajes y una herramienta funcional para la evangelización; de aquí que predomina el carácter social y colectivo antes que el prestigio individual del artista”. GUTIÉRREZ, Ramón; VIÑUALES, Graciela. “El Legado de los jesuitas en el arte y la arquitectura en Iberoamérica”. In: SALE, Giovanni S.J. (Org.). *Ignacio y el Arte de los Jesuítas*. Bilbao: Ediciones Mensajero, 2003, p. 264.

²⁹ “... tratar de encontrar el justo equilibrio entre lo que ha significado el aporte europeo y de otras procedencias en la cultura americana, analizar los procesos de adaptación y cambio que esos aportes tuvieron y, a la vez insistir en las peculiaridades propias de las culturas del continente americano en sus diversas manifestaciones”. GUTIÉRREZ, Ramón; VIÑUALES, Rodrigo. *Historia del Arte Iberoamericano*. Barcelona: Lunwerg, 2000, p. 13.

*de manifestações peculiares, mas é realmente uma integração de propostas em confluência de processos de pensamento e de sensibilidades que darão uma resultante nova e diferente*³⁰.

O resultado final desta “negociação” artística entre os “do Reino” e os “da Terra”, ou melhor, o “conjunto da obra” dos jesuítas no Grão-Pará, como tentamos demonstrar em nossa tese, é original, “novo e diferente”; e nisto, cremos, está embutido o verdadeiro e maior valor da arquitetura e da arte nas Missões jesuíticas paraenses.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Renata Malcher de. *As Cidades da Amazônia do século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão*. Porto: FAUP Publicações, 1998 (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1992).

BAILEY, Alexander G. “Le style jèsuit n’existe pas: Jesuit Corporate Culture and the Visual Arts”. In: **O’MALLEY**, John S.J. *et alii* (Org.). *The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773*. Filadélfia: Saint Joseph’s University Press, 2000, pp. 38-89.

BAILEY, Alexander G. *Art on the Jesuit Missions in Asia and Latin America (1542-1773)*. Toronto / Buffalo / Londres: University of Toronto Press, 2001.

BAYÓN, Damián. *Pensar con los Ojos: Ensayos de Arte Latino Americano*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1983.

BURY, John. “A Arquitetura Jesuítica no Brasil”. In: **OLIVEIRA**, Myriam (Org.). *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial: John Bury*. Brasília, DF: IPHAN / MONUMENTA, 2006.

BRAZÓN HERNÁNDEZ, Mariela. “Problemas da Historiografia da Arquitetura Colonial Sul-Americana”. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / Centro de Letras e Artes / Escola de Belas Artes / Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2001. (Dissertação de Mestrado).

CARDOSO, Alírio Carvalho; **CHAMBOULEYRON**, Rafael.

³⁰ “Va esto más allá de la simple sumatoria de expresiones europeas e indígenas. No es una llana acumulación de manifestaciones peculiares, sino que es realmente una integración de propuestas en confluencia de procesos de pensamiento y de sensibilidades que darán una resultante nueva y diferente.” GUTIÉRREZ, Ramón. “Arquitetura y Urbanismo, siglos XVI-XVIII”. In: GUTIÉRREZ, Ramón; VIÑUALES, Rodrigo G. *Historia del Arte Iberoamericano*, 2000, Op. cit., p. 33.

“Fronteiras da Cristandade: Relatos Jesuíticos no Maranhão e Grão-Pará (século XVIII)”. In: **DEL PRIORE**, Mary; **GOMES**, Flávio (Org.). *Os Senhores dos Rios: Amazônia, Margens e Histórias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 33-62.

CHAMBOULEYRON, Rafael Ivan. “Portuguese Colonization of the Amazon Region, 1640-1706”. University of Cambridge, Faculty of History, 2005. (Tese de Doutorado).

GUTIÉRREZ, Ramón. “Reflexiones para una Metodología de Análisis del Barroco Americano”. In: *Simposio Internazionale sul Barocco Latino Americano, Atti del Simposio*. Roma 21/24 de abril de 1980. Roma: Instituto Italo Latino Americano (IILA), 1982, vol. I, pp. 367-385.

GUTIÉRREZ, Ramón; **VIÑUALES**, Rodrigo. *História del Arte Iberoamericano*. Barcelona: Lunwerg, 2000.

_____. “Arquitetura y Urbanismo, siglos XVI-XVIII”. In: **GUTIÉRREZ**, Ramón; **VIÑUALES**, Rodrigo G. *Historia del Arte Iberoamericano*, 2000.

GUTIÉRREZ, Ramón; **VIÑUALES**, Graciela. “El Legado de los jesuitas en el arte y la arquitectura en Iberoamérica”. In: **SALE**, Giovanni S.J. (Org.). *Ignacio y el Arte de los Jesuítas*. Bilbao: Ediciones Mensajero, 2003, pp. 239-276.

LEITE, Serafim S.J. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1938). Lisboa / Rio de Janeiro: Livraria Portugália / Instituto Nacional do Livro, 1943.

_____. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1938). São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTINS, Renata Maria de Almeida. “Tintas da Terra, Tintas do Reino: Arquitetura e Arte dos Jesuítas no Grão-Pará (1653-1759)”. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAU-USP. São Paulo, 2009 [Orientador: Prof. Dr. Luciano Migliaccio].

MORAES, José de S.J. *História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987.

PORRO, Antônio. *Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial*. São Paulo: EDUSP, 2007.

REIS, Arthur César Ferreira. *A Expansão Portuguesa na Amazônia nos séculos XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: SPVEA, 1959.
_____. *A Política de Portugal no Valle Amazônico*. Belém: SECULT, 1993.

RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. “Conquista Recuperada e Liberdade Restituída: A Expulsão dos Jesuítas do Grão-Pará e Maranhão (1759)”. Pontifícia Università Gregoriana, Facoltà di Storia Ecclesiastica, Roma, 2006, 2 v. (Tese de Doutorado).